

SUPLEMENTO Patrocínio
Junta de Freguesia de Rabo de Peixe
Onde a terra e o mar
rivalizam como fonte de vida.
Tudo é prioritário.
Nada pode ser adiado!

A.Martins

Rabo de Peixe

O Ciclo do Espírito Santo

Hermano Teodoro - Museu da Ribeira Grande



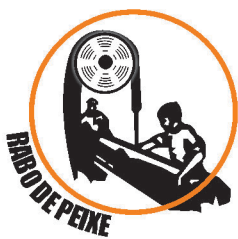
A cada canto, seu Espírito Santo.

(Adágio da Ilha Terceira)



Arquivo Museu da Ribeira Grande

MARIANO BRUM GOUVEIA & FILHOS, LDA.



**Materiais de Construção
Ferragens - Ferramentas**

Loja de Ferragens
☎ 296 490 120

Central de Madeiras
☎ 296 490 120



Tubos, Canalizações



Telha Sol



Pavimento



Tintas



Ferramentas Eléctricas



**Ferragens, Ferramentas
Materiais de Construção
Madeiras Regionais, Exóticas e Diversas
R. Dr. Francisco Sá Carneiro, 5**

Explicação

O Museu da Ribeira Grande dedica este estudo ao laborioso, acolhedor e simpático povo da próspera freguesia de Rabo de Peixe. Um especial agradecimento aos Presidentes das Comissões das Bandeiras da Beneficência e da Caridade e a todos os Mordomos, Despenseiros e Festeiros do Divino Espírito Santo, ano de 2001. Sem eles este trabalho não teria sido possível.

O breve estudo que aqui se apresenta, o qual teve o seu início na Páscoa de 2001, não deixa de ser um primeiro levantamento, acompanhado, é certo, de algumas interpretações, ainda sujeitas a mais pesquisa e à devida maturação, de uma realidade que nos parece ser ampla e diversificada, merecendo, por isso, para além de outras riquezas etnográficas que a freguesia de Rabo de Peixe proporciona, um imprescindível acompanhamento de longa duração, coisa que o Museu de Ribeira Grande, certamente, irá ter em conta.

No contexto dos Açores, no que às Festas do Espírito Santo diz respeito, a Ilha de São Miguel, constitui uma *variante*, grosso modo, conhecida por *sistema das Domingas*. Em nossa opinião, as festividades na freguesia de Rabo de Peixe, Bandeiras, Coroas e Despensas, parecem formar uma *sub-variante*; isto é, não se enquadram nesse *sistema*. Com este embrionário apontamento, pretende-se dar a perceber, claro que num sobrevoou, fruto, essencialmente, de uma *pesquisa no terreno*, o Ciclo das festas do Divino Espírito Santo naquela freguesia.

Festas que vão da Páscoa a São Pedro

O Ciclo em que decorrem as festividades tem uma duração que se cifra, aproximadamente, em dois meses e meio. Elas prolongam-se, como é da tradição, entre o dia de Páscoa e o dia de São Pedro. Neste Ciclo, ao que pode parecer, muito rígido no cumprimento de todas as funções, é óbvia a preocupação em se manter um paralelo entre o Calendário Litúrgico Católico, ou seja, o da Igreja, com algumas das suas práticas de culto e com certos fenómenos da religião popular, e o desenrolar da dimensão festiva em redor do Divino Espírito Santo. Como exemplos: a Bandeira da Beneficência está para o Dia do Pentecostes como a Bandeira da Caridade, também conhecida por Bandeira da Trindade, está para o dia da Santíssima Trindade; ou ainda, a Coroa dos Inocentes, ou da Praça, está para o Dia do Corpo de Deus, este a coincidir com as cerimónias relativas à

Três Divinos: Bandeiras, Coroas e Despensas

As festas apresentam três modalidades ou categorias do Divino Espírito Santo, sendo estas, face à sua dimensão organizativa e de relação com o Divino, onde o papel da Igreja é relevante, susceptíveis de constituírem uma hierarquia. No topo dessa hierarquia, temos as Bandeiras; no seu centro, e como segunda modalidade, as Coroas; e na sua base, digamos a terceira categoria, as Despensas. Por outras palavras, com esse desnivelamento pretende-se mostrar que organização, ou *instituição*, e ligação ao Divino vão decrescendo das Bandeiras para as Despensas. Em mais detalhe: as Bandeiras são autênticas instituições, aparecendo organizadas com um suporte humano e financeiro audacioso. Cada uma delas possui uma Comissão, a qual,



pelas outras Benções (carne, pão), pela Missa Solene Cantada, com Sermão de pároco “de fora”, no dia do Cortejo, indo até ao Sermão no momento da entrega da Bandeira ao Mordomo futuro. Já as Coroas ostentam uma organização algo diversificada: duas, ao que parece, e à semelhança das Bandeiras, possuem Comissões e *fundos monetários*; uma outra está associada à Banda Filarmónica Lira do Norte (a de São João); as restantes três dependem, unicamente, dos seus mordomos. Em todas elas o mordomo em *função* assume um papel de coordenador deveras crucial. Nas Coroas ainda subsiste a verdadeira dádiva; quer dizer, a contribuição para a Festa (pombos, coelhos, frutas, vitelos), sem o seu equivalente: a contra-dádiva. Ao que se pode averiguar, a sua relação com o Divino, dá-se, quanto a nós, essencialmente, no dia da *coroação*, daí que a sua densidade religiosa possa parecer menor, mas não com menos carga intencional. Tal como nas Bandeiras, nas Coroas o ambiente de solenidade é óbvio: os seus cortejos (procissões), por exemplo, transpiram vagar, silêncio, adoração por Deus. A *coroação* na igreja respeita, como é inevitável, o sentido do Pentecostes. Podem coroar crianças e adultos. Quanto às Despensas, dada a sua matriz espontânea, não requerem uma

estrutura organizativa complexa e recheada de variadas funções. Restringem-se a um grupo coordenado pela iniciativa de um Despenseiro, cuja casa concentra a atenção das festividades: divisão da carne depois do abate do gueixo, local dos *Balhos de Castanholas* para o grupo da Despesa e para os grupos de outras Despensas. Existem Despensas com alguns anos de existência. No entanto, é sempre imprevisível o número das que poderão *sair*. A sua relação com o Divino afigura-se-nos bastante original. Convém salientar que elas não ostentam insígnias. É certo que o Padre benze as suas “carnes”, ficando por aí o papel da Igreja. Todavia, é no seu actuar que elas fazem emergir uma notória relação com o Divino: o abate do gueixo e a sua partilha pela comunidade, sempre em ambiente de festa, de folia, de cantoria, revelam-se estruturas essenciais para o reforço das relações sociais e do Homem para com Deus. Em rigor, é de se defender, com alguma segurança, a ideia de que na freguesia de Rabo de Peixe existem três Divinos Espíritos Santos, notoriamente autónomos, contudo, passíveis de serem colocados numa hierarquia, sem que a mesma os possa minorizar em nada, já que todos cumprem, na sua plenitude, a função a que se propõem.



Primeira Comunhão na paróquia, como a Coroa de São Pedro está para a Festa de São Pedro Gonçalves, vulgo Santinho do Mar, bem como para o dia do Apóstolo Pedro, com as suas Cavalhadas, a 29 de Junho. Em resumo, o Ciclo festivo em volta do Divino Espírito Santo, na freguesia de Rabo de Peixe, abre com a Morte de Cristo e “fecha com as chaves” de São Pedro.

para além do apoio permanente à festividade, garante a cada Mordomo futuro um *fundo monetário*, este a ser-lhe devolvido na sua totalidade ou acrescido de mais valor. A relação com o Divino que mostram é densa. Talvez a sua componente mais forte. Inclusive, a Igreja encontra-se mesclada com as Bandeiras; isto é, acompanha a festividade desde a *abertura e benção do quarto*, passando

Resguardar e expor o Espírito Santo



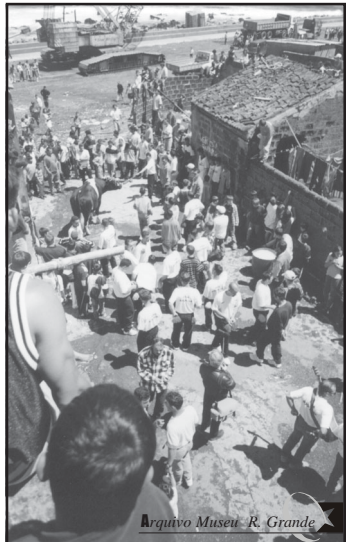
Antes do início do Ciclo festivo propriamente dito; ou seja, entre o final de Junho (Dia de São Pedro) e a Páscoa seguinte (1.ª Corrida da Irmandade, Bandeira da Beneficência), pode constatar-se que o Divino encontra-se reservado, oculto, cabendo aos mordomos um permanente cuidado para com Ele. Durante esse período, os

mordomos (das Bandeiras e das Coroas), e todos os interessados da comunidade, mantêm um contacto bastante íntimo para com o Divino Espírito Santo: é o caso do azeite para as luminárias, o envio de flores para envolver as insígnias, os terços solitários ou em grupo. Nas Despensas, ao longo desse período, a sua

preparação não deixa de relevar uma viva expectativa à Sua volta (a Festa está latente). Se no período festivo a exposição do Divino, ou a Sua saída, reactiva a ideia de que Deus é Amor, Partilha, Comunhão, o seu *período de intimidade* também não faz esquecer que no quotidiano essa postura deverá estar presente. É interessante verificar-se que, em especial, nas Bandeiras e nas Coroas, essa fase de intimismo ainda irrompe adentro do Ciclo festivo, uma vez que o Divino só é exposto no seguinte *tempo*: para o caso das Bandeiras, no final das Segundas Corridas das Irmandades; ou seja, logo após a *abertura dos quartos*, abertura essa que requer um discurso eclesialístico, seguido da devida Benção, e à actuação de uma Banda Filarmónica; ao

nível das Coroas, ocorre depois das *coroações*, quando os mordomos procedem à *abertura dos quartos*, facto esse que também obriga ao actuar de uma Banda Filarmónica. Finalmente, nas Despensas, apesar de não existirem insígnias, nem tão pouco *quartos*, a *exposição* do Divino torna-se manifesta em torno do acto do *sacrifício animal* (reforço das relações comunitárias e do Homem para com Deus). Portanto, o Divino Espírito Santo encontra-se oculto, velado, íntimo, no período que medeia entre o “fecho” das Festas e a *abertura dos quartos* no ano seguinte. A sua exposição dá-se, essencialmente, para Bandeiras e Coroas, depois de legitimada pela intervenção da Igreja, numa espécie de auto legitimação divina: discursos e

as variadas benções do Padre no caso das Bandeiras e as *coroações* no âmbito das Coroas. Nas Despensas, apesar da benção da carne pelo Padre, a exposição ou reactivação do Divino dá-se, verdadeiramente, em todo o seu actuar.



Cenários Ramalheiros e quartos



A Festa implica um cenário, neste caso múltiplos cenários: uns interiores e outros exteriores. Quanto aos cenários exteriores Bandeiras, Coroas e Despesas mostram um denominador comum: as portas principais dos mordomos (presentes e futuros) aparecem ornamentadas com criptóméria trabalhada em forma de arco, sendo que para as Despesas a ideia de arco encontra-se latente: em cada lado das portas, simplesmente, colocaram-se ramagens de criptóméria, incenso ou até de acácia. Em virtude da sua grande espontaneidade, os cenários exteriores das Despesas aparecem bastante heterogêneos, aglomerando, por exemplo, elementos de cultura *pop*, e de propaganda política. Por outro lado, e grosso modo, as Bandeiras e Coroas colocam *ramalheiros* de criptomérias, respectivamente, entre a casa do Mordomo e o Barracão e entre a casa do Mordomo e o local da *armação* do *império*. As Bandeiras têm por costume

ir buscar os ramos de criptoméria, durante a semana da Festa: a terça-feira é para as verduras; isto é, criptoméria miúda ou picada, para a decoração do Barracão, e na quinta-feira, *dia dos ramalheiros*, é para as pequenas árvores, as quais ajudam a ornamentar as ruas entre a casa do Mordomo e o Barracão. É na quinta-feira da Festa, que são colocados, pelo Mordomo presente, os *ramalheiros* na porta da Mordomo futuro; ou seja, o Mordomo presente também prepara a nova recepção da Bandeira. Quanto aos cenários interiores, é de relevar que, durante o Ciclo festivo, os *quartos* onde o Divino é exposto, incluindo os dos novos ou futuros mordomos, exibem uma cenografia tipo *teatro*, com a inevitável *boca de cena*. Neles são colocadas todas as suas insígnias. Para as Coroas todas elas, para além das *bandeiras*, *coroas* e *ceptros*, há a registar a colocação dos *estandartes* que abrem os seus Cortejos. Não deixará de ser relevante registar-se que, actualmente, nelas, tanto no interior

como no exterior, o Divino é colocado em *teatro*. Curiosamente, todos os *quartos*, mesmo os dos mordomos futuros, encontram-se ornamentados com o branco cetim; um branco que remete para a *pomba*, imagem do Divino Espírito Santo. Inclusive, todas as *bandeiras* do Divino Espírito Santo são expostas em forma de Alfa, como que a nos orientar para a ideia de que Deus é o Princípio de todas as Coisas. O quarto da Bandeira da Caridade, cujo *enfeitador*, em 2001, foi o Senhor Emanuel Páscoa Gonçalves Pimentel (48 anos), apesar da sua cenografia fazer lembrar uma *boca de cena*, apresenta um Ómega; ou seja, neste caso particular, a significar que Deus está na Origem e no Fim do Universo.

Lugares das festividades

A casa do Mordomo, a casa do Despenseiro, a igreja/templo, o Barracão, as Ruas, Largos (para o caso das Coroas e das Despesas) e os Cruzamentos são os lugares centrais das festividades. Para as Bandeiras, Coroas e Despesas, as casas dos seus mordomos e despenseiros funcionam como *lugares operacionais* da Festa. No entanto, as casas dos dois primeiros, para além de servirem de resguardo equilibrado do Divino, durante o seu período de intimidade e de exposição, e de ponto de apoio logístico à festa, são também centros irradiadores do sentido que subjaz ao Espírito Santo (a partilha), já que as mesmas se abrem à comunidade; as casas dos últimos são também focos polinizadores do Amor de Cristo, bem como pólos irradiadores e de concentração da Folia: os *Balhos das*

Castanholas. A igreja/templo é o lugar onde se agrega a comunidade para consolidar a Ideia do Espírito Santo; ou seja, o reforço das relações humanas para o Bem de Deus. Veja-se o caso das *coroações*; preste-se atenção à Missa Solene Cantada das Bandeiras, com o sermão do pároco “de fora”. O Barracão é o *lugar*, por excelência, onde a comunidade se aglomera para, a partir do *sacrifício animal*, fortalecer os seus laços e, pela partilha da carne, o sentido do Amor de Deus. Em rigor, é no Barracão que se vive, grandemente, a Festa. Da terça-feira, início da decoração do mesmo, passando pelo abate dos gueixos, corte e exposição das *pensões*, na sexta-feira, até ao dia da sua distribuição, Sábado, no Barracão a azáfama é total. Com alguma segurança, podemos afirmar que é para o Barracão que toda a comunidade concentra a sua atenção, já que é nele que, como espaço neutral; ou seja, pertença de todos, se processa, em grande escala, o sentido cíclico da Festa: o renovar da relação entre os homens e Deus; entre a comunidade e o Espírito Santo. Quanto às Coroas, há a acrescer os



O sacrifício do gueixo

A freguesia de Rabo de Peixe nutre um grande fascínio pelo touro, vulgarmente, conhecido por gueixo. “Não pode haver Festa sem gueixo, é ele quem dá entusiasmo à Festa”, diz um morador da freguesia. É nas Bandeiras e nas Despenas que o gueixo marca forte presença. A Sexta-feira do abate do animal, para as Bandeiras, e o dia da *saída das despesas* (as dos *homens do mar* no Pentecostes e as dos *homens da terra* na Santíssima Trindade), onde também são abatidos gueixos, um por cada Despesa, são dois momentos relevantes nas Festas. O ritual diverge nas duas festividades. O abate dos gueixos das Bandeiras é precedido por duas séries de *corridas*: a *corrida* nos pastos e a *corrida* pelas ruas da freguesia. A primeira situação, revela-se como o momento onde, com a ajuda do Encarregado dos Gueixos, se escolhe os potenciais animais a serem abatidos. Já o segundo momento, aponta para o sinal de que toda a comunidade partilha do *sacrifício animal*; ou seja, legítima-o, comungando do acto sacrificial. Nem todos os animais que são *corridos* e que *correm* são abatidos, uma vez que o número de Criadores suplanta o número do gado a abater. No Barracão, no *quarto da matança*, o animal é imobilizado com um *florete*, sendo de imediato sangrado. É uso o aproveitamento do sangue do animal que se vai abatendo. Depois de sangrado, o gueixo é dependurado pelas patas traseiras num esquema de roldana, com o fim de ser *esfolado*. O animal sai da sala de matança dividido em quatro partes: duas da dianteira e duas da traseira. É de imediato pesado e dependurado, com um gancho de

ferro, nas traves da parte interior coberta do Barracão. As vísceras aproveitáveis são dependuradas no lado interior coberto nascente do Barracão. A carne é dividida em *pensões* e dependurada nas paredes interiores cobertas do Barracão, logo após a *benção da carne* pelo pároco da freguesia, situação essa que acontece sempre antes da meia-noite, e no caso precedida de um pequeno cortejo entre a igreja e o Barracão. É da tradição acabar-se o trabalho do corte das *pensões* na madrugada do Sábado da Festa. Para as Despesas o *sacrifício* do gueixo é também antecedido de um conjunto de pequenos ritos. Por exemplo, as *despesas dos pescadores*, sempre ao som das suas músicas e balhos, vão buscar os seus animais à zona da Eira, às vezes à área da Cruz, levando-os à sua frente e fazendo-os *correr* em frente da igreja do Bom Jesus, bem como pela porta dos despenseiros. Os animais das *despesas dos pescadores* são *abatidos* no “calhau”, a expressão é corrente, envoltos num círculo comunitário com sintomas de laços sociais muitos coesos. Em todo o procedimento do abate, do acto de tornar o animal inanimado, passando pela sangria, até ao desmanche, a comunidade não arreda pé. Se para as Bandeiras a Comunidade participa, em termos subliminares, na morte do gueixo, se bem que não há muitos anos atrás o sacrifício animal no Barracão tinha a participação de elementos comunitários mais abrangentes, para as *despesas dos pescadores* a participação da comunidade dá-se *in loco*.

Arraial e a folia

O arraial e a folia são dois elementos que variam, em densidade, nas três festividades, podendo, por isso, apresentar uma nova hierarquia. Das Despesas, passando pelas Coroas, até às Bandeiras podemos dizer que o divertimento decresce; ou seja, quanto menos relação com o Divino, mais arraial e folia. Nas Despesas o seu terreno de actuação ou função remete, em permanência, para a folia, para o despique:



*Dentro do meu peito tenho
Um pianinho de vidro
É donde o meu amor se senta
Quando vem falar comigo*

*O meu coração é terra
Eu vou o mandar cavar
Para semear desejos
Que eu tenho para te falar*

Por outro lado, nas Despesas, facto que não acontecesse com as Coroas ou até mesmo com as Bandeiras, a folia, ou a diversão, não é circunscrita a um determinado espaço. Para além da casa dos despenseiros, a freguesia é, por excelência, o espaço das Despesas: as suas Ruas, Largos, Cruzamentos, e até mesmo as casas

dos despenseiros e de todos os mordomos presentes e futuros estão à mercê dos *grupos de castanholas*. Nas Coroas, o arraial, com todo o ambiente de diversão que exige, não é um dado primeiro, já que aparece em segundo plano; isto é, depois da *coroação*. Veja-se que só quando se *monta o império* é que o mesmo surge. A Coroa da São João ostentou no Charco um ambiente de arraial completo; isto é, manteve todos os componentes imprescindíveis em redor do *império*: um bazar, um palanquim, um palco coberto, uma barraca de comes e bebes, o local para as arrematações das dádivas, a música ambiente. A noite de São João foi abrilhantada com uma *marcha* da iniciativa do mordomo. Finalmente, nas Bandeiras a folia ou o arraial não são de primeira importância. É certo, que dependem da gestão dos mordomos, no entanto, eles, ao que pode parecer, estão em último lugar; quer dizer, a Festa não é feita para que o divertimento tenha uma importância extrema: nela o que interessa é a dimensão religiosa. Em conclusão, podemos adiantar que do ponto de vista profano as festividades formam uma outra hierarquia, sendo que as Despesas se encontram no seu topo, as Coroas em segundo lugar e, por fim, as Bandeiras.

Distribuir o alimento

É uma situação que diverge entre as três categorias do Divino Espírito Santo, bem como, em cada ano, tal situação está depende do mordomo em *função*. Vejamos o caso das Bandeiras. Para além da *distribuição* das *pensões* - ao

lugares onde *armam* os seus *impérios* ou *teatros*. Duas delas têm *império* fixo: é o caso das Coroas de São Sebastião (Rua de São Sebastião) e do Rosário (Rua do Rosário). As restantes quatro: a Coroa da Caridade, na Eira (Rua do Rosário); a dos Inocentes, na Praça; a de São João, no Charco (zona Sul da freguesia); e a de São Pedro, na Cova de São Pedro (Poente da Rua da Alegria). Já as Ruas, Largos e Cruzamentos são os lugares fortes para a actuação das Despesas. Durante os dias em que as mesmas saem à rua, o ambiente é de êxtase. As *castanholas* ou *trincadeiras* são inebriantes.

longo da semana da Festa distribui-se a massa sovada, e, na tarde do Sábado, o pão, a carne e o vinho de cheiro -, bem como de *esmolas* que, à parte das *pensões*, podem, solidariamente, ser distribuídas, a casa do mordomo em *função* abre-se aos convivas, aos *irmãos* e aos *ajudantes*, com vista à *distribuição* do alimento, em todos os actos cruciais das festividades: *nas corridas das duas irmandades, após a abertura do quarto onde se expõe a bandeira, nos convites para uma visita à casa dos mordomos, na corrida dos gueixos nas pastagens, na ceia dos criadores, na quinta-feira dos ramalheiros, na Sexta-Feira e no Sábado da Festa*. Contudo, no Domingo, depois da Missa e do Cortejo de entrega da Bandeira, a casa do mordomo cessante ainda se abre aos convivas. No acto de entrega da Bandeira ao mordomo futuro, inclusive, a casa deste também se abre aos que participaram no Cortejo e a todos os que lhe vão dando os parabéns, como que a dar a ideia de que a Festa recomeçou. As Coroas divergem entre si quanto à distribuição do alimento (carne, massa sovada, vinho, *ceia dos criadores*). No entanto, apontam-se dois exemplos quanto àquilo que de comum apresentam: as casas dos mordomos abrem-se aos convivas no momento que se segue à *abertura do quarto*; ou seja, depois da *coroação*, e, tal como nas Bandeiras, logo após a entrega das Coroas aos mordomos futuros. Nas Despesas a *distribuição* do alimento (carne) é feita na direcção de todos os que contribuem, ao longo do ano, para a Festa.

Entregar o Divino

Cavallhadas de São Pedro fecham as Festas

As Cavallhadas de São Pedro da freguesia de Rabo de Peixe estão intimamente relacionadas com o culto do Divino Espírito Santo: são elas que encerram o seu Ciclo festivo. Tendo, inicialmente, como participantes os Cavaleiros que regressavam das Cavallhadas de São Pedro, freguesia da Ribeira Seca,



Concelho da Ribeira Grande, hoje, podem ser consideradas um cortejo autónomo. (“O Senhor [José] Amaral [da Luz] dizia a embaixada lá na [Ribeira Seca] e depois vinha para aqui”; testemunho de Agostinho Tavares Labão, 80 anos). A concentração dos Cavaleiros dá-se na Alameda do Bom Jesus. Seguem depois para a igreja paroquial (a do Bom Jesus, que não abre as suas portas), onde os dois Vassalos e o Rei declamam a sua *embaixada*. Em seguida, o cortejo cavalga até à Cova de São Pedro, declamando em frente ao seu *império*, e em ambiente de manifesto arraial, a

mesma *embaixada*, a qual apela ao exemplo de vida que é a do Apóstolo na sua relação com Cristo.

Primeiro Vassalo:
*Pedro sempre acompanhara
A Cristo na pregação
Aos amigos convidava
E a todos animavas
Na via da redenção*

Segundo Vassalo:
*Foste o cérebro do Senhor
Que se chama Jesus
Foste o melhor redentor
E também um protector
Até ao alto da Cruz*

Rei:
*Boa tarde nobre Santo
Grande Santo de valia
O vosso poder é tanto
E o Divino Espírito Santo
Esteja em vossa companhia*

Entregar o Divino
A entrega do Divino Espírito Santo ao mordomos futuros não é feita com base no sistema de *tirar sortes*. Em regra, as Comissões das Bandeiras e das Coroas e uma Comissão Paroquial optem pelos novos mordomos, e sob pedido destes, tendo como referência quatro critérios: ser católico *praticante*, ser bom *pai de família*, possuir uma postura moral exemplar e ter possibilidades económicas. Dado o manifesto respeito em redor do Divino Espírito Santo, pretende-se que o mesmo não degenere; isto é, que não seja colocado entre mãos

descuidadas. As Bandeiras entreguem as suas insígnias no dia dos Cortejos das suas respectivas Festas; isto é, no Domingo do Pentecostes para a Bandeira da Beneficência e no Domingo da Santíssima Trindade para a Bandeira da Caridade. As Coroas fazem-no na noite do último dia em que os seus *impérios* se encontram montados; quer dizer, depois de findos os seus arraiais. Os novos mordomos das Bandeiras e das Coroas expõem as insígnias do Divino Espírito Santo, em quartos também devidamente preparados, onde o cetim e a *boca de cena* são tónicas dominantes. Nas Despesas não há entrega de insígnias do Divino, uma vez que as mesmas não as possuem. Aliás, a sua matriz espontânea não o possibilita. Logo após o dia de São Pedro, e depois de todas as passagens de testemunho, o Divino Espírito Santo fica na intimidade.



Cronologia paralela entre o Calendário Litúrgico e as Festividades em honra do Espírito Santo, Freguesia de Rabo de Peixe, ano de 2001	
Calendário Litúrgico	Calendário do Divino Espírito Santo
15 de Abril – Páscoa	1.ª Irmandade/Bandeira da Beneficência
22 de Abril – 2.º Domingo da Páscoa	1.ª Irmandade/Bandeira da Caridade
29 de Abril – 3.º Domingo da Páscoa	Coroações: Coroa de São Sebastião
	Coroa da Caridade
06 de Maio – 4.º Domingo da Páscoa	2.ª Irmandade/Bandeira da Beneficência
	Coroações: Coroa dos Inocentes
	Coroa do Rosário
13 de Maio – 5.º Domingo da Páscoa	2.ª Irmandade/Bandeira da Caridade
	Coroação: Coroa de São João
20 de Maio – 6.º Domingo da Páscoa	Festa do Santo Cristo dos Milagres
27 de Maio – Ascensão do Senhor	Coração: Coroa de São Pedro
	Festa de São Pedro Gonçalves
03 de Junho - Solenidade do Pentecostes	Cortejo da Bandeira da Beneficência
	Saída: Despesas dos <i>homens do mar</i>
04 de Junho -	Dia da Pombinha
	Coroa de São Sebastião: <i>império</i>
10 de Junho – Santíssima Trindade	Cortejo da Bandeira da Caridade
	Coroa da Caridade: <i>império</i>
	Saída: Despesas dos <i>homens da terra</i>
14 de Junho – Corpo de Deus	Coroa dos Inocentes: <i>império</i>
17 de Junho – 11.º Domingo Comum	Coroa do Rosário: <i>império</i>
24 de Junho – São João Baptista	Coroa de São João: <i>império</i>
29 de Junho – São Pedro	Coroa de São Pedro: <i>império</i>
	Cavallhadas de São Pedro

Bibliografia: António Pedro Rebêlo Costa, *A Nossa Memória Colectiva, Rabo de Peixe – 500 anos de história*, inédito, s.d., cópia gentilmente concedida); João Leal, *As Festas do Espírito Santo nos Açores, Um Estudo de Antropologia Social*, 1994; J. Leite de Vasconcelos, *Mês de Sonho*, 1992; Luís Bernardo Leite de Ataíde, *Etnografia Arte e Vida Antiga dos Açores*, vol. III, 1974; Livro da[s] Actas da Comissão das Festas de Pentecostes em Rabo de Peixe, 14-8-1963; Manuel Breda Simões, *Roteiro Lexical do Culto e Festas do Espírito Santo nos Açores*, 1987; Mário Moura, “Cavallhadas de São Pedro, Espírito Santo, Folia e Bandeira da Ribeira Grande”, in Suplemento do Jornal *A Estrela Oriental*, Julho de 2001; Moisés do Espírito Santo, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, seguido de *Ensaio Sobre Toponímia Antiga*, 1988; Pinharanda Gomes, *A Cidade Nova*, 1999; Sigmund Feud, *Totem e Tabu*, 2001.

Produtos Regionais
A qualidade acima de tudo!

de Paulo Jorge Sousa

Rua do Rosário, 77
Mercado da Graça

9600 - Rabo de Peixe
9500 - Ponta Delgada

Tel./Fax: 296 491 219
Telefone: 296 287 252
Móvel: 969 049 392

Glossário

Abrir o quarto: Acto de expor as insígnias do Espírito Santo num quarto. Nas Bandeiras acontece no fim da Segunda Corrida da Irmandade; nas Coroas, depois da *coroação* na igreja do Bom Jesus.

Armar o império: Ligado às Coroas. Duas Coroas têm império fixo: a de São Sebastião e a do Rosário. A dos Inocentes, a da Caridade, a de São João e a de São Pedro possuem *impérios* ou *teatros* que são armados ou montados em locais, conforme o uso, já definidos, respectivamente, na Praça, na Eira, no Charco e na Cova de São Pedro.

Barracão: Local desactivado de venda de peixe. Situado no coração da freguesia, junto à Praça. Hoje, espaço para o abate dos gueixos, divisão e exposição da carne das Bandeiras.

Bandeira: Festividade cuja única insígnia do Divino Espírito Santo é uma bandeira. Existem duas Bandeiras: a da Caridade (com origem na segunda metade do século XIX) e a da Beneficência (reorganizada nos anos sessenta do século XX).

Cavallhadas: Conhecidas como Cavallhadas de São Pedro. Os seus Cavaleiros trajam à semelhança dos das Cavallhadas de São Pedro, freguesia da Ribeira Seca, Ribeira Grande. Saem à rua, no fim da tarde, no dia 29 de Junho. Fazem *embaixadas* em frente à igreja do Bom Jesus e junto do *império* de São Pedro, na Cova de São Pedro, a poente da Rua da Alegria. São elas que fecham o Ciclo das Festas do Espírito Santo na freguesia.

Coroas: Festividades cujas insígnias do Espírito Santo são uma bandeira, uma coroa e um ceptro. Existem seis Coroas: Inocentes, São Sebastião, Caridade, Rosário, São João e São Pedro. As sua insígnias são iguais às das festividades do *sistema* das Domingas.

Coroação: Ritual que só acontece nas Coroas. Dá-se na igreja do Bom Jesus.

Correr a irmandade: Prende-se, essencialmente, com as Bandeiras. Primeira Irmandade: percorrer a freguesia para convidar *irmãos* para colaborarem na Festa. Segunda

Irmandade: percorrer a freguesia para confirmar quem, efectivamente, quer ser *irmão*.

Correr os gueixos: Relaciona-se com as Bandeiras. Correr os gueixos nas pastagens: ronda por todas as pastagens onde existem gueixos da Bandeira, cujo objectivo também se prende com a escolha dos que vão para abate. Correr os gueixos nas ruas: acontece na Sexta-Feira da Festa. É um rito que, numa espécie de legitimação, faz toda a freguesia participar na morte do animal.

Despesas: Festividades que não possuem qualquer insígnia do Espírito Santo. Uma Despesa identifica-se na íntegra com um grupo ou *balho de castanholas*. Existem as dos *homens do mar* e as dos *homens da terra*. Algumas perduram há vários anos, porém, é sempre imprevisível o número das que poderão *sair*.

Esmolas: No caso das Bandeiras, para além daquelas incluídas nas pensões de *irmão*, o mordomo em *função* pode mandar dividir *esmolos* para serem distribuídas junto da sua porta ou até mesmo durante o cortejo de distribuição das pensões.

Irmão: Aquele que contribui para a festividade. No caso das Bandeiras, a sua contribuição monetária (dáviva) leva à correspondente contra-dáviva (pensão de *irmão*).

Mordomo futuro: O mordomo novo.

Pensões: Relacionadas, em especial, com as Bandeiras. Existem as pensões de *irmão* e de *criador*. A de *irmão*: 1 bolo de massa sovada; 2 pães de trigo; 2 Kg de carne com osso; 1 Kg de carne de lombo; uma *esmola* com cerca de 1.200 Kg de carne com osso; e 1 litro de vinho de cheiro. A de *criador*: 2 argolas de massa sovada; 4 pães de trigo; 4 Kg de carne com osso; 2 Kg de carne de lombo; e um *convite* (língua, fígado, coração, pâncreas, rabo, rins e 8 Kg carne variada – a língua e o rabo são para os *criadores* dos animais abatidos).

Ramalheiros: Vulgo ramos, ramagens, verdura. Os preponderantes são de criptoméria.